

## Um lindo dia na vizinhança - O caminho da reparação pelo amor<sup>1</sup>

Vivianne Guimarães Fulber<sup>2</sup>

*“Mãe é não morrer” – Clarice Lispector  
Numa compreensão da importância da sobrevivência, no mundo interno, da figura da mãe que cuida.  
(CINTRA; RIBEIRO, 2018, p. 92)*

O desenvolvimento psíquico para Klein se dá por posições assumidas pelo sujeito frente a seus objetos de amor e ódio. As posições esquizoparanóide e depressiva são vivenciadas por todas as crianças a partir do seu nascimento e irão marcar a vida psíquica do sujeito por toda a vida. A intensidade de angústias e ansiedades farão o ego retomar suas defesas da mesma maneira quando vivenciadas nos primeiros meses de vida. Melanie Klein “postulou a teoria das posições para explicar de que maneira o sujeito vai articular suas defesas, construir suas identificações, dirigir-se a seus objetos, relacionar-se com eles e atravessar ou ser atravessado por suas necessidades arcaicas” (CINTRA; RIBEIRO, 2018, p. 84).

Na análise, o paciente deverá ser compreendido aqui e agora como o bebê mobilizando angústias e defesas frente aos seus objetos internos e externos. O inconsciente é sempre atemporal. No início da vida do bebê, o seio que alimenta é uma extensão dele, mãe/bebê/seio são um objeto único. O ego se confunde com o objeto. O seio está ali para nutrir, servir e trazer gratificações infinitamente. Esse seio nutridor é o primeiro objeto a ser invejado, essa inveja primitiva irá mobilizar ódio, ressentimento, pois esse objeto/seio nega tudo o que ele tem. Klein (1991, p. 212) afirma que “a inveja contribui para as dificuldades do bebê em construir seu objeto bom, pois ele sente que a gratificação de que foi privado foi guardada para uso próprio pelo seio que o frustrou”. O processo psíquico se dá pelo movimento de introjeção e projeção. O bebê na introjeção incorpora o objeto bom (gratificação, amor) tanto quanto o objeto mau (inveja, agressividade, ódio); são os primórdios da constituição do núcleo do superego, com seus aspectos maus e bons. Mas o objeto mau é preciso ser expurgado. Pelo processo de projeção, o bebê expulsa a raiva e sua agressividade. Para se defender desse objeto mau, o ego arcaico faz uma cisão. O mundo interno do bebê é polarizado. O movimento é de introjeção do objeto bom e de projeção do objeto mau. Ter o seio é devorá-lo, é ter domínio e controle sobre o objeto. Mobiliza-se no bebê a ansiedade paranóide/persecutória e o medo do aniquilamento. O ego se defende da extrema ansiedade

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Jornada de Estudos do CPRS em agosto/2020.

<sup>2</sup> Candidata em formação psicanalítica no CPRS.

através da expulsão excessiva do seu sadismo. Essa é a denominada posição esquizoparanóide. A característica do ego em buscar sempre a integração vai aos poucos abrindo as cisões e levando o bebê a perceber que o seio bom/ seio mau constituem o mesmo objeto. Identifica a presença de um outro. É o início da alteridade. A realidade psíquica passa ter limites, existe o dentro e o fora, amor e ódio coexistem, a ambivalência de amar e odiar o mesmo objeto é percebida. O ego se identifica com seu objeto e além das ansiedades persecutórias o bebê começa a sentir culpa pela sua agressividade e inicia uma tendência reparatória pelo amor. O bebê passa a se deparar com a ansiedade depressiva, mas a ansiedade persecutória ainda está ali presente. Além disso, para aniquilar seus perseguidores e neutralizar sua culpa mobiliza defesas maníacas: onipotência, negação, domínio e controle do objeto, depreciação e triunfo sobre o objeto. Tem início o movimento de entrada na posição depressiva.

Esse breve apanhando conceitual de Klein tem o intuito de dar sustentação mínima para um olhar psicanalítico sobre o filme **“Um lindo dia na vizinhança”** (Mister Rogers Neighborhood) da cineasta Marielle Heller. E a partir daí, tentarmos articular alguns conceitos de Klein. A história, baseada em fatos reais, conta um momento importante da vida do conceituado jornalista Tom Junod, que foi rebatizado no filme como Lloyd Vogel (interpretado por Matthew Rhys) e o encontro com Fred Rogers (1928-2003), apresentador e marionetista, pastor presbiteriano, ícone da infância de americanos de várias gerações (interpretado por Tom Hanks). Lloyd trabalha na revista Esquire e é indicado a escrever um artigo sobre Fred Rogers ou, melhor, Mister Rogers. O roteiro do filme adota a metalinguagem e de repente estamos assistindo um episódio especial de Mister Rogers em que ele nos apresenta Lloyd da seguinte forma: *“- meu amigo está machucado – por dentro e por fora. É difícil perdoar a quem nos machucou, e mais difícil perdoar aqueles que amamos”* e complementa: *“- perdoar é uma decisão que tomamos de libertar uma pessoa de sentimentos de raiva que temos por ele”* (UM LINDO DIA NA VIZINHANÇA, 2019). Mas que dor é essa de Lloyd? Nosso personagem tem um conflito muito grande com o pai. Ainda pequeno, Lloyd fora abandonado com a irmã justamente no momento em que sua mãe passava por uma doença terminal. A mãe morre e os irmãos são entregues à outras pessoas, o pai nunca mais voltou. Ao mesmo tempo, nosso personagem, agora um homem adulto, jornalista de sucesso, está casado e tem um filho recém-nascido. Mas, desde o início percebe-se a dificuldade de Rogers de entrar em contato com esse bebê, mesmo aparentando amá-lo e também a esposa, Andrea Vogel (interpretada pela atriz Susan Kelechi Watson). O bebê é cuidado exclusivamente pela mãe, que abriu mão de seu trabalho para ficar com ele em

tempo integral. Cortamos para a cena em que Lloyd recebe um prêmio importante na área jornalística e agradece da seguinte forma: *“uso as palavras para trazer a verdade, desmascarar”* (UM LINDO DIA NA VIZINHANÇA, 2019). Sabemos que Lloyd tem fama de “destruir” seus entrevistados. Ele tem orgulho disso. Parece-nos que aqui a onipotência, a arrogância e o trabalho, a escrita é usada por Lloyd para aplacar esse ódio interno, projetar toda sua agressividade no outro. O trabalho é a sua vida, afirma. A princípio, ele nega fazer a pauta com Rogers, pois é um repórter investigativo e Rogers, segundo ele *“não passa de um apresentador de programa infantil”* (UM LINDO DIA NA VIZINHANÇA, 2019). Que matéria poderia sair dali? Subjugado por sua chefe que lhe informa ser Rogers o único que aceitou ser entrevistado por ele e necessitando do emprego, aceita. As primeiras conversas são muito ruins para Lloyd, que não consegue realizar a entrevista. Ele não acredita na bondade de Rogers, quer desmascará-lo, mostrar ao público que existe um homem bem diferente por trás daquele personagem doce e bondoso. E Rogers tem uma bondade genuína e será todo o tempo atacado e desafiado por Lloyd. No entanto, o jornalista vai se envolvendo cada vez mais com o enigmático apresentador. De uma forma quase terapêutica, Rogers vai fazendo Lloyd entrar em contato com sua dor e nomear seus sentimentos. Por conta de um encontro com o pai no casamento da irmã de Lloyd, esse tenta se aproximar e conversar, mas Lloyd é extremamente violento e acaba agredindo fisicamente o pai. Não aceita qualquer aproximação ou contato. *“Se não dependo do objeto, não tenho culpa, não preciso amá-lo”* (UM LINDO DIA NA VIZINHANÇA, 2019). Mas Mrs. Rogers, como faria o bom analista, não desiste dele. Perguntado por Lloyd sobre o que faz com a raiva, diz que a sente, fica triste e magoado com as pessoas, mas aí vai para o piano e toca uma música mais intensa ou se exercita, nadando. *“A sublimação da raiva pela criatividade”* (UM LINDO DIA NA VIZINHANÇA, 2019). Mesmo sob ataque, quando Lloyd pergunta sobre a relação com os filhos, Rogers responde: *“Ser pai, não significa ser um pai perfeito, você deve estar passando por isso com seu filho agora”* (UM LINDO DIA NA VIZINHANÇA, 2019). Lloyd, como um analisando desesperado e furioso, abandona o ‘setting’. Enquanto isso, o pai de Lloyd continua tentando aproximar-se e na última vez, exalta-se frente a dureza e o ressentimento de filho e tem um infarto. Apesar da gravidade da situação, Lloyd não fica com o pai no hospital. Esse fato pode ser compreendido como uma defesa contra a lembrança do trauma de perder a mãe e, pela segunda vez, perder o pai. A primeira pelo abandono, a segunda pela morte. A negação da gravidade da doença do pai é um refúgio. Utiliza-se da desculpa de precisar viajar a trabalho. Lloyd repete aqui o abandono do pai, que assim como ele está fazendo agora, abandonou-o com a mãe doente no hospital.

“Na compulsão a repetição – o Ego se identifica com o objeto abandonador e o instala dentro de si como instância crítica ou Superego” (CINTRA; RIBEIRO, 2018, p. 135). Tanto quanto a fuga do hospital, quanto a incapacidade de cuidar de seu filho pode ser apontada como a mobilização de uma defesa maníaca de negação do objeto também como forma de evitar qualquer sentimento de dependência, ou ainda, a dificuldade de acessar o seio/objeto-bom, aquela mãe que cuida, pois está tomado pelo seio/objeto-mau. O Ego de Lloyd está cindido.

Dentre tantas outras passagens, entendemos que duas são bastante propícias para demonstrar o movimento psíquico de Lloyd. Mrs. Rogers e Lloyd estão almoçando em um restaurante e o apresentador pede que eles façam um minuto de silêncio para pensar em todas as pessoas que o moldaram com seu amor. E completa: *“lembre-se que a relação com seu pai também o ajudou a formar o que você é”* (UM LINDO DIA NA VIZINHANÇA, 2019). O que nos remete a complexidade de Klein, no que se refere a introjeção dos objetos internos, formação do Superego e até mesmo a formação do Complexo de Édipo. Outra cena importante e que entendemos ser o início da elaboração do sofrimento de Lloyd, traz a figura da mãe. Não fica claro se é um sonho, pensamento ou lembrança reprimida de Lloyd, e acontece durante um desmaio do jornalista. É particularmente simbólica e essencial para a reparação de toda a culpa e ódio experimentada por ele. A mãe está em uma cama de hospital, aparentemente em seu leito de morte e diz: *“Venha aqui meu garotinho”*. (*Repare que aqui é o Lloyd menino, aquele que foi abandonado*) (UM LINDO DIA NA VIZINHANÇA, 2019). Lloyd senta-se a beira da cama e a mãe diz: *“Sei que achas que está fazendo isso por mim, guardando esse rancor; não preciso disso”* (UM LINDO DIA NA VIZINHANÇA, 2019). E então passa a mão na cabeça de Lloyd que começa a chorar. Em seguida, a cama aparece vazia, apenas Lloyd continua ali, à beira da cama, chorando. Podemos pensar que a partir desse momento Lloyd consegue *“sonhar” a perda e a morte da mãe* e iniciar a elaboração da perda também do pai. O real e o fantasístico. Acessa seu objeto bom interno, essa mãe do amor, essa mãe que pede para ele perdoar e não sentir mais rancor. Lloyd não havia feito o luto de suas perdas e a rejeição do abandono se manifestava pela agressividade. “A ansiedade arcaica depressiva combina saudade, pesar, dor, vergonha, raiva e a sensação de ter sido prejudicado e de ter sido lesado” (CINTRA; RIBEIRO, 2018, p. 41). Aqui inicia seu caminho para reparação. Fala com Andrea de seus medos, nomeia sua dor, admite que há muito tempo sente raiva e que a ama e ama seu filho. Aproxima-se do pai e passa a interagir e cuidar dele e do filho. Há um resgate da mãe boa interna, a mãe que cuida, e agora Lloyd pode dar amor ao seu próprio filho. Klein (1996) vai dizer que a mãe interna boa precisa sobreviver para instalar o amor onde existe o caos. Pensamos que também há uma idealização da mãe (bondosa, que

morreu com muitas dores, que cuidou dele e da irmã e que foi abandonada), que o levava a uma cisão maior ainda entre o objeto bom/mãe e o objeto mau/pai, reforçando o ódio e a destruição. As defesas maníacas mobilizadas por Lloyd, passando pelos sentimentos de onipotência, negação, controle, triunfo e desprezo na relação com seus objetos internos e externos eram formas de apaziguar as experiências da perda e o sentimento de culpa.

Klein (1996, p. 219) diz que “o bebe só pode sentir satisfação completa se a capacidade de amar é suficientemente desenvolvida e é a satisfação que forma a base de gratidão”. Lloyd tinha “uma relação profundamente enraizada com o objeto bom” (KLEIN, 1996, p. 219), o que lhe permitiu reparar a dor do abandono do pai. Para Klein (1996), o movimento de passagem da PEP para a PD nunca cessa. E Segal (1975) afirma que o uso das defesas maníacas não necessariamente seja patológico, uma vez que o Ego precisa de algum tempo para fortificar-se e acreditar na sua capacidade de reparação. Parece-nos que a trajetória de Lloyd apresenta justamente esse processo.

Em síntese: “Projetar, introjetar, clivar e, por fim, entristecer, integrar, identificar-se e reparar fazem parte de um contínuo movimento psíquico” (CINTRA; RIBEIRO, 2018, p. 88).

E a entrevista de Lloyd com Rogers? O texto final que deveria ter poucos caracteres, se transformou em um texto de 10 páginas e virou capa da Esquire: “*Can You Say... Hero?*”.

### **Referências Bibliográficas**

CINTRA, Elisa; RIBEIRO, Marina. **Por que Klein?** São Paulo: Zagodoni, 2018.

KLEIN, Melanie. **Amor culpa e reparação:** (1921-1945). Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

\_\_\_\_\_. **Inveja e Gratidão e outros trabalhos:** (1946-1963). Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

SEGAL, Hanna. **Introdução à Obra de Melanie Klein.** Rio de Janeiro: Imago Ed., 1975.

UM LINDO DIA NA VIZINHANÇA. **Direção:** Marielle Heller. Estados Unidos: Columbia Tristar, 2019.